

"Às quintas no Douro"

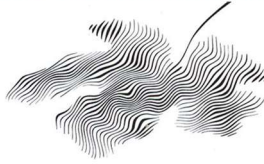
Uma reflexão sobre o Douro Património Mundial

"A identidade cultural duriense"

17 de junho de 2021

Há ou não uma identidade cultural duriense? Esta foi a questão de partida para mais uma iniciativa do ciclo "Às quintas no Douro", promovido pela Liga dos Amigos do Douro Património Mundial, com o apoio da UTAD, que contou com um painel composto por Alexandre Parafita, Rui Paula, Helena Gil e Manuel Carvalho, e com moderação de Maria João Amaral, da direção da Liga.

Se a resposta dependesse apenas da gastronomia, a resposta dada pelo chef Rui Paula seria negativa: "Gastronomicamente o Douro não é muito rico, face a outras regiões. Comia-se bem nas casas senhoriais. Trabalha-se bem o porco, o cabrito, a maçã de Armamar, a sardinha de barrica, o polvo, outros peixes secos e conservados em sal". Mas, como acrescentou, "onde há uma cultura de vinho tem de haver uma cultura de comida, e temos alguns pratos, mas não somos (o Douro) a melhor região". Para o chef o mais importante é o Património Mundial ligado à paisagem e

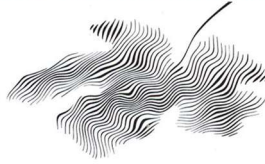


ao vinho, e as memórias que lhe servem de inspiração, “as cores, os sabores, a paz incrível, o silêncio do Douro”. Será isto identidade?

Mas nem todos os membros do painel se inspiraram na gastronomia para falar, e as respostas à questão foram divergindo. Assim, para Alexandre Parafita, jornalista, escritor e professor, “A identidade está muito associada à paisagem, a singularidade da paisagem cria a alma das pessoas”, e, como sublinhou, o Douro possui bens patrimoniais valiosos, que não existem em mais lado nenhum, que são diferenciadores, bens materiais, como a paisagem e solares, e imateriais, como as lendas do Douro Sul, que afirmou serem “registos de povos ancestrais, códigos que escondem mensagens”. Em resumo, para este estudioso, o Douro tem a sua marca identitária e “é no património imaterial que está uma parte da identidade da região”. Mas, como alertou, muito tem mudado e está a mudar – os trabalhos rurais, a vindima, os rituais da morte – e corre-se o risco de perdermos elementos dessa identidade, como o rico cancionero. Urge, pois, intensificar o trabalho de recolha e registo, de que tem sido um dos dinamizadores.

Helena Gil, professora, dinamizadora da Tertúlia João Araújo Correia, transportou-nos para outra faceta da cultura duriense, a criação literária. E não faltam escritores da região ou que escreveram sobre ela. Começou por João Araújo Correia, “médico e escritor”, como gostava de se identificar, que exerceu a profissão e escreveu longe dos meios literários, e, como disse, “o meio faz o homem e o escritor, conheceu o Douro físico e humano, calcorreou todos os cantos do seu país vinhateiro”. A sua obra mostra o seu espírito observador, que se traduz numa “escrita reflexiva” própria de um autor que se considerava “um detonador de consciências, numa perspetiva social e cívica”. Mas João Araújo Correia é um entre outros, e citando Gaspar Martins Pereira, Helena Gil sublinhou que “a literatura duriense constitui um enorme património cultural”, que requer mais divulgação para se “transformar num instrumento de reflexão e ação”. Exemplos desse património foram revelados pelo projeto “O Douro nos Caminhos da Literatura”, que gerou documentários sobre sete grandes vozes ligadas ao douro e à sua identidade: João Araújo Correia, Miguel Torga, Trindade Coelho, Guerra Junqueiro, Pina de Moraes, Aquilino Ribeiro e Domingos Monteiro. Da leitura destes autores “ficamos com uma ideia dos dramas, das tragédias, das paisagens, do património material e imaterial da região”. Mas o Douro, como também afirmou, inspirou também escritores de outros lugares, mais ou menos distantes, e citou Campos Monteiro, Guedes de Amorim, Alves Redol, Manuel Mendes, Fausto José, Gudes Teixeira, e mesmo Eça de Queirós e Ramalho Ortigão. E ficaram as perguntas: Pode uma região sem identidade cultural inspirar tantos escritores? E não é sua escrita parte integrante desta identidade?

Mas afinal quais as condições para produzir uma identidade cultural? E será que os durienses a conseguem reconhecer e afirmar? Foram estas questões que orientaram a intervenção de Manuel Carvalho, jornalista que em tempos se dizia “transmontano” e hoje não tem dúvidas em se afirmar “duriense” (de Alijó). Para ele as condições existem, “paisagem identitária, cultura quotidiana, economia centrada num produto, uma história única e vencedora, uma galeria de heróis populares e eruditos, uma literatura de escritores de dentro e de fora da região”. Contudo, o Douro não é capaz de se afirmar com uma identidade regional marcada, por contraste com os transmontanos (daí ele próprio, na sua juventude, se ter considerado transmontano).



A matriz para “cozinhar a identidade” existe, mas subsistem desafios, não sendo certamente o menor o facto “de a maior parte dos durienses não ser capaz de reconhecer a grandiosidade da sua história, não saber por que o Douro é património mundial, não saber por que o vinho do Porto tem a projeção que tem, não saber a importância da história do Douro na história do país”. E as razões para tal? A resposta de Manuel Carvalho passa por dois aspetos relevantes: primeiro, o ensino é muito massificado e não permite destacar suficientemente as dimensões regionais; depois, falta o poder agregador de instituições regionais, pois sempre houve medo de dar poder ao Douro. Sobre este último aspeto, referiu que Casa do Douro teve importância no passado, que a UTAD tem feito bom caminho nos últimos anos, que o Museu do Douro é uma instituição preciosa, mas “falta densidade institucional que projete a identidade”.

Aqui chegados, começa a desenhar-se uma resposta à questão de partida: Há ou não uma identidade cultural duriense? Sim, a identidade cultural duriense existe. Não se revela pela gastronomia, embora o Douro seja terra de produtos singulares, não só os vinhos, mas também a azeitona e o azeite, a amêndoa, mesmo o figo, a laranja, o pão, Mas é marcada paisagem que molda temperamentos, pela paz e o silêncio, pela história, pela literatura, pelo vasto património material e imaterial, pelos traços da vida quotidiana. Poderá ser, como disse Manuel Carvalho, “uma identidade que não é praticada”, acrescentando que “temos marcas profundas específicas, nítidas, mas a cultura vive de uma afirmação, de uma vivência de cada um”.

Ficamos, então, com mais questões para alimentar este debate. Que trabalhos temos que fazer para que a identidade duriense seja mais praticada? Chegará trabalhar com os jovens? Não será importante divulgar mais o importante espólio de conhecimento sobre a região, ainda muito fechado em bibliotecas e arquivos? E não haverá também que valorizar a multiculturalidade e o diálogo entre culturas, geradores de criatividade e inovação, para que não fiquemos encerrados num etnocentrismo duriense? São seguramente muitos trabalhos, que convocam certamente a Liga, mas também muitas outras instituições.